

QREN - Aldeias de Memória

História de Vida

de

José Francisco Marques

registada em 2009-02-03
por

Susana Pires e Jenny Campos

José Francisco Marques

José Francisco Marques nasceu a 11 de Julho de 1931, na Benfeita. Filho de António Francisco Rosa e Maria Assunção Marques. O pai trabalhava na fazenda de manhã à noite e a minar penedas. A mãe também trabalhava na fazenda. Tinha três irmãos, “saiu tudo à lé do pai. O meu pai também era coxo e nós saímos todos igual”. Fez o exame da terceira classe. “Já não tive cabeça para mais.” Quando saía da escola ia trabalhar para a propriedade, onde tinham que pagar uma pensão por aquilo que cultivavam. Conheceu a esposa na aldeia. No dia do casamento “parecíamos dois lordes”. Tem duas filhas e dois netos. Trabalhou no campo e foi barbeiro. “Pagavam ao meu patrão um alqueire de milho, todo o ano, para fazer a barba e o cabelo. Fazia na terra e corríamos as terras da freguesia.”

Índice

Identificação José Francisco Marques.....	4
Ascendência Vida pobre mas bons pais.....	4
Casa Um paiolzinho para seis.....	5
Educação Muitos alunos e bons professores.....	6
Infância Infância difícil.....	6
Religião "Parecíamos uns lordes".....	7
Costumes Festas e tradições.....	7
Namoro "Comecei a namoriscar".....	11
Casamento "Abraçados um ao outro".....	12
Descendência Duas filhas e dois netos.....	13
Percurso profissional Barbeiro, não enfermeiro.....	13
Lugar Outros tempos.....	15
Quotidiano Atender algum freguês.....	19

Identificação *José Francisco Marques*



José Francisco Marques

O meu nome completo é José Francisco Marques. Nasci a 11 de Julho de 1931, na Benfeita.

Ascendência Vida pobre mas bons pais

O meu pai chamava-se António Francisco Rosa e a minha mãe Maria da Assunção Marques. O meu pai trabalhava no campo, a cavar a terra e a rachar lenha com um machado, ali de manhã à noite. E minar pededas se fosse preciso fazer alguma obra. Era a vida. Foi a dele e a minha, que ele não me ensinou outra arte. Às vezes, para ganhar alguma coisita, ganhava-se de manhã para se comer à noite. Era uma vida pobre.

A minha mãe ia para a fazenda, coitadita, também. Ela não andava o dia fora, mas tinha de aturar os filhos. Éramos gandulos. Éramos quatro. Para nos dizer, quando a gente andava na fazenda, o que se havia de fazer. Regar o milho

ou escanar, esbandeirar chamámos nós, fazer um servicito, acartar um molho de mato da serra para fora, para o pé do curral, da casa do gado.

Eram bons pais. Eu tive bons pais, tive sim. Só tive pena foi que o meu pai coxeou muito novo, foi como eu também. Éramos quatro irmãos e saiu tudo à lé do pai. O meu pai também era coxo e nós saíramos todos igual. As minhas irmãs andam de muletas e eu ando com outras. O outro meu irmão já morreu mas também andava com umas muletas. Foi tudo. Foi mal pegadiço.

Casa Um paiolzito para seis

A minha casa era quase um paiolzito. Era pequena. Vivíamos lá seis pessoas. Os meus pais e quatro irmãos. Era pequena mas tínhamos de nos arrumar de qualquer maneira e feitio. Tinha uma salazita e três quartitos. Nem casas de banho havia na altura, nem nada. Eu dormia com o meu irmão. Éramos dois irmãos, dormíamos os dois. E as minhas irmãs dormiam as duas. E os meus pais os dois. Era um quarto para cada casal. Tinha uma cozinhezita pequena com uns bancos em volta. Era uma cozinha assim em volta, tinha as paredes, eram quadradas. Tinha um, chamávamos nós um bordo, era uns assentos de um lado e do outro. E algum banquito que havia, e o resto da madeira. Tinha a lareira, a lenha. Fazia-se a comida numas panelas de barro ou de ferro. Fazia-se a sopa numa panela de ferro, e às vezes, outras de barro para cozer o feijão, qualquer coisa assim. Uma frigideira para fazer umas batatas. Acendia-se a lareira, havia um caldeirão, chamávamos nós, um caldeirão de ferro com umas trempes, punha-se ali a frigideira e ali frigia-se as sardinhas e as batatas, era assim aquilo. A sardinha era frita ou assada, até na brasa. Era tudo à pobre. Tudo à pobrezinho. Era o que se podia arranjar. E, às vezes, até se comia mais alguma coisa e não havia. As batatas com uns grelitos, umas batatas cozidas ou com feijão. Era o que se podia arranjar. Uma sopita de couves na panela de ferro. Nós porco não criávamos. Comíamos, às vezes, um bocadinho de carne ou assim mas tínhamos de comprar por fora. Ia-se ao talho e comprava-se. Nós não criávamos porco. Tinha uma lojazita, abria-se um alçapão da rua para baixo, lá íamos para o fundo, para a loja, parecia que íamos para um cabouco. Era para a arrumação. Tinha o milho que colhíamos da fazenda, não nossa, cultivávamos por fora. Nós éramos empregados, tínhamos patrões e nós é que pagávamos o milho aos patrões e feijão. Batatas é que não dávamos, batatas era com eles. O que a gente cultivava era para nós mas de pensão tínhamos que dar aos patrões o que eles exigiam. Depois daí o que sobrava é que era para os pobrezinhos. Éramos nós. Trabalhávamos todo o ano e o pouco que ficava era para nós. Mas as pensões deles tinham-se que lhe dar.

Educação *Muitos alunos e bons professores*

Eu fui à escola. Fiz o exame da terceira classe. Só mais nada. Já não tive cabeça para mais. Havia duas escolas. Uma era das raparigas e outra dos rapazes. A dos rapazes era no areal, chamámos nós o areal, onde está agora a casa da Junta. E a casa das raparigas era junto à cabine, mas compraram a casa e arranjaram-na. Havia muitos alunos. Agora não há ninguém. Não anda um aluno na escola, na Benfeita. É só estrangeiros, mais nada. Andava o meu neto. Agora foi para Côja já. Agora não há criação hoje. Hoje não presta para nada. Está de toda a miséria. Éramos uma data de alunos, homens e mulheres e tudo.

Eu andei com dois professores. Um que chamavam José Carvalho Duarte, foi o primeiro quando eu entrei. E depois veio o outro, chamavam o José dos Aidos. Foi só com aqueles dois professores. Um batia, esse último era reguila, esse batia. O José dos Aidos esse batia bem. Esse não era preciso pedir licença a ninguém para bater. Também ensinavam bem mas o que é... Quer dizer, talvez ele batesse para lhe guardarem respeito, tinham disciplina. Alguns, não chegando, eles também fazem o que querem e lhe apetece, e ele não autorizava.

Da escola ia para a propriedade, de manhã à noite. Até ao resto. Saía da escola, não tinha vagar que andar na rua, as ordens cumpriam-se e se não fosse já estava em casa a mandona que nos chegava a roupa ao pêlo, que não era pouco. Ela também era como os professores, também não perdoava. E não as prometia, quando tinha de dar, ela via que merecíamos, ela dava-as.

Infância *Infância difícil*

Escola e trabalho

No campo, cavávamos a terra para semear o renovo. Semear milho e o feijão, e claro, as batatas. E tínhamos de ir ao mato, não era bem para o curral, a loja onde estavam os animais, o gado, tínhamos de ir buscá-lo às costas. Cavava terra, todos os anos, na altura da sementeira, cavar terra para o renovo. Isso foi depois de sair da escola. Bem, mesmo quando andava na escola eu tinha de ir para lá. Mas depois de sair da escola, que já tinha mais idade e mais corpo é que era todos os dias. Quando não aparecia um diazito para andar o dia fora para ganhar alguma coisita. Que isto era tudo pobre, não havia dinheiro e à noite e de dia todos tinham de morfar alguma coisa. Na altura ganhava uns 8 ou 10

escudos por um dia inteiro, de manhã à noite. Aí todo o dia. Saíamos, às vezes, de casa para rachar lenha, agora já não é preciso, agora já ninguém racha lenha, mas com um machado nas mãos, de manhã à noite. Saíamos aqui de noite e não rachávamos só para nós, era para outras pessoas que nos falavam, de manhã à noite a rachar lenha. De manhã até à noite, todo o dia ali. Às vezes, davam um copito de vinho ainda para animar a gente.

Jogos como calhava

Às vezes, jogávamos aos murros uns com os outros, era conforme calhava. A ver qual é que tinha mais força. Brinquedos não havia. Não havia para comprar nada. Nessa altura, não havia brinquedos. Hoje muitos têm o que querem e o que não querem. Mas, naquela altura, havia algum dinheiro para alguma coisa? Quando andava na escola, às vezes, para pagar a caixa, pagávamos um "x" para a caixa escolar, e o dinheiro? Nada. Pagávamos aos três e aos cinco tostões que a gente pagava e nem isso, às vezes, aparecia lá em casa para levar para a escola. Era tudo uma miséria.

Religião "*Parecíamos uns lordes*"

Andei na doutrina. Era o Pai Nosso, a Ave Maria. Havia muita coisa, mas eu nem sei o nome daquilo, agora também já estou esquecido mas também já não me importo. Já rezei o que tinha a rezar. A doutrina era uns certos dias. Havia umas velhotas que davam a doutrina à gente, elas é que marcavam os dias que lá havíamos de ir. Mas não tinha dias certos, era conforme. Elas juntavam assim a malta, e depois destinavam o dia. Fiz a Primeira Comunhão. Aos domingos trazia uma cruz vermelha parecíamos uns padres com uma faixa ali com uma lista encarnada. Parecíamos uns lordes. Nós e as raparigas também. Era rapazes e raparigas. Íamos à missa, fardados. O padre pedia para trazermos aquilo. A farda para parecermos mais bonitos.

Costumes *Festas e tradições*

Música, comes e bebes

A padroeira da Benfeita é a Senhora da Assunção. E há S. Bartolomeu, o Sagrado Coração de Jesus, S. José, que sou eu, a Senhora de Fátima, há muitos

santos na igreja. O mártir S. Sebastião, o guerreiro ou qualquer coisa assim. As festas são como são hoje. O dia da festa é o dia 15 de Agosto. E é o Santíssimo em Julho. Então vem o padre celebrar a missa e depois fazem a procissão da igreja, à volta dos Correios, conforme a circunferência da povoação, dar a volta a igreja e voltamos para o mesmo sítio. É dar a volta à povoação. E a Filarmónica a tocar. E comes e bebes quem podia ter. Quem podia arranjar. Mas sempre se arranjava um bocadito de carne fresca para assar e tal. Sempre se poupava alguma coisa para aquele dia se lembrar que era dia de festa. Era assim. Mas era tudo à pobre. E faziam o arroz-doce, a tigelada e tapioca, se fosse preciso, e coscoréis. Isso lá faziam. E agora também fazem. Mas hoje já podem melhor um bocadinho. Se houvesse quem tocasse havia bailes mas a Filarmónica vinha fazer só a festa e ia-se embora. Nessa altura, havia aí bons tocadores, uns guitarristas, mas agora não há ninguém. Morreu tudo.



José Francisco Marques, a lançar foguetes (Benfeita, 1966)

A tradição da fogueira

O Natal é a tradição como é agora. É a noite de Natal, arranjam uns cepos, fazem a torgada ao pé da capela e junta-se a malta. Se já estiverem com os copos, arranjam umas chouriças ou qualquer coisa assim, e vão para lá assar, com o garrafão ao pé e é a tradição. É o Natal. Ali passam a noite de Natal. Bem, mas nem todos. Outros estão em casa. Passam em casa também. Mas se podem ir, lá vão para a tradição. Não havia presentes. Os pais aos filhos, os que podiam

sempre davam alguma coisita, uma lembrança, um brinquedo qualquer ou qualquer coisa assim. Na minha casa não havia nada disso. Era tudo pobrezinho. Não havia festas para ninguém. Não era que eles não quisessem fazer, mas não podiam.

Saco do padre e saco dos santos

Na Páscoa, vem o padre e celebra a missa. E depois vão os leigos dar as boas festas, de porta em porta, entram em todas as casas, com uma cruz, a dar a beijar o Cristo, para levarem alguma coisita para o saco. Andam dois ou três a pedir o foliar do padre e algum para dar para os santos, noutro saco e levam tudo. É dinheiro. Desde sempre foi assim, que eu me conheço era sempre. Uns dão mais, outros dão menos. Uns que podem e outros o que queriam dar.

Baile de Carnaval



José Francisco Marques (à esq.) e irmão (à dta.) no Carnaval na Benfeita

O Carnaval já acabou. Agora já não há nada. Havia. Isso é que eram bons tempos. Iam para os bailes. De noite. Havia dois ranchos, havia animação. Havia cá muita gente. Agora não há nem para um, não há ninguém. Não presta para nada. Agora só há entrevados, só coxos.



Esposa Dorinda (à esq.) e José Francisco Marques (à dta.) no desfile de Carnaval da escola da Benfeita

O relógio bate as horas

A Torre de Salazar, chamamos nós, é a Torre da Paz. No dia 7 de Maio, ela bate 1620 badaladas. Está marcada para isso, mas não chega a dar porque a torre não tem altura. Mas dá aproximadamente. Mas o relógio estava marcado a dar 1620 badaladas no dia 7 de Maio. Foi o dia que acabou a guerra. Por volta das duas horas, três horas da tarde, o relógio bate as horas, está mesmo feito, marcado para isso. Aquilo tem lá um rolamento qualquer, quando chega lá dispara. Não é preciso ir lá bater as horas. Ele, pessoalmente, o relógio é que bate as horas.

"Era uma paródia"

Eu ajudava a matar o porco. Criava um porco e depois havia um matador a propósito que sabia arranjar. No dia da matança, os donos convidavam algumas pessoas para ajudarem a segurar, agarrava-se, num banco, punha-se em cima do banco, e vinha o porqueiro e esfaqueava-o, sangrava-o e depois estonava-se com carquejas e giestas a arder, e chamuscava-se, limpava-se, lavava-se bem lavado, pendurava-se e depois o matador lá arranjava tudo. Depois os donos queriam dar uma buchita à gente davam, se não davam íamos embora. Era uma paródia.

Da azeitona ao azeite

O azeite fazíamos no lagar. Ia a azeitona para o lagar. Lá era moída e depois vem o azeite para casa. A azeitona chega em sacos, põem para o pio, depois moía, ia para as prensas para ser apertado nas prensas para o azeite vir limpo. Depois tinha umas tarefas a propósito onde se juntava o azeite, e depois dali o mestre do lagar, chamam o mestre, é que media para os clientes, para os donos. E tiravam também para eles, para o lagar. O lagar era de mais do que um proprietário. E nós é que levávamos a azeitona. E houve uns anos, em primeiro, que vinham buscar a casa dos clientes mas essa moda acabou. Os donos da azeitona é que tem de ir levar ao lagar. E vão levar a azeitona e trazem o azeite.

Agora é com máquinas

Fazia vinho. Agora é o meu genro é que faz tudo. Ele agora é que o dono disto tudo. Temos os tanques. Trazem o vinho, temos um tractor, ele leva-o. Vai o tractor buscar as uvas, temos uma máquina que o esmaga ali para o tanque, lá ferve, estando bom para tirar para as cubas, tira-se. Tem outra máquina para tirar também o vinho, sai limpo para as cubas. É assim. Isto é tudo à pobrezinho mas é o que se pode arranjar. Agora esmagar as uvas é com uma máquina. Primeiro não era assim, era a pé para uma selha, chamava-se uma selha, uma cesta de uvas, como se podia era em pé, truca truca truca. Uma pessoa a noite inteira a pisar uvas, depois iam para um tanque, ou para um balseiro em madeira, e lá é que fervia.

Namoro "*Comecei a namoriscar*"

Conheci a minha esposa na aldeia. Ela também é da Benfeita. Calhou de ser assim. Comecei a namoriscar com ela. Já nem me lembro se foi preciso pedir em namoro. Mas parece que sim, que ainda pedi aos pais se eles ma queriam dar. E eles disseram que sim, e eu aproveitei. Namorámos pouco tempo, dois ou três anos. Era de qualquer maneira e feitio. Íamos um para o pé do outro e falávamos qualquer coisa para nos entretermos. Era quando se podia. Pelo menos à noite, a gente andava no trabalho, tanto ela como eu, à noite é que, às vezes, eu ia a casa dos pais dela, e nos entretínhamos um bocadinho. Entrava em casa e estávamos todos. Não dizíamos nada que prestasse que não tínhamos habilidade para isso, não havia preocupações. Estavam os pais dela e estava eu. Ela tinha mais duas irmãs. Estávamos todos.

Casamento "*Abraçados um ao outro*"

No dia do casamento viemos para a igreja, ali abraçados um ao outro, parecíamos dois lordes. Eu levei um fato preto e ela ia de branco. Os convidados era família e alguma pessoa que a gente via que, realmente, tanto da minha parte, como da parte dela, entendíamos que devíamos convidar, convidou-se. Almoçámos em casa dela. Havia muito comer, foi carne, arroz-doce, e batatas. Havia de tudo. Nesses dias, embora pobre não faltou lá nada. Graças a Deus.



Dorinda Martins dos Santos (à esq.) e José Francisco Marques (à dta) no casamento da afilhada

Descendência *Duas filhas e dois netos*

Tenho duas filhas. Uma entrevadinha, nunca andou na vida, já tem 51 anos, parece. E a outra aí anda na luta. Esta Rosa, ela teve duas filhas, uma já está casada, a minha neta, e o neto anda em Côja, na escola.



Rosa Maria dos Santos, filha de José, com o seu par do Rancho

Percurso profissional *Barbeiro, não enfermeiro*

Trabalhei sempre no campo e também fui barbeiro. Fazia na terra e corríamos as terras da freguesia. Íamos servir os fregueses, era eu e mais dois barbeiros. Já morreram. Um era António Francisco Rosa e outro chamavam António Moço, era António de Oliveira. Íamos às Luadas, Pai das Donas, Sardal, Enxudro e Pardieiros. E depois regressávamos à Benfeita. Comecei depois de sair da escola. Comecei a aprender essa coisita. Depois lá fui andando. Aprendi com um homem, chamavam José Augusto da Fonseca. Era o José Maria. Com

esse é que eu aprendi alguma coisa. Depois ele morreu, e arranjei outro patrão. Esse, o António Mina, esse também é barbeiro, andei por conta dele. O pai dele é que era o patrão. José Augusto Martins Pinto, era o pai desse António Mina. Depois ele também deixou, acabou-se tudo. Mas corríamos essas terras todas aí, tudo. Mas eu era só a fazer a barba. Não era enfermeiro. Isso não. Isso não percebia eu.



José Francisco Marques com cliente na sua barbearia

Íamos a pé. Às vezes, a chover para cima de nós. Saíamos às quatro horas da noite, e às vezes, às três, para estas duas terras daqui, Luadas e Pai das Donas. Depois vínhamos para a Benfeita, comíamos alguma coisa e íamos para o Sardal, Enxudro, a pé. Depois para os Pardieiros. Chegávamos a casa, às vezes, era meia-noite, uma hora quando chegávamos. Era à sexta-feira, dávamos essa volta toda. Sábado íamos à Dreia e era na Benfeita. Era a trabalhar todo o dia. Na altura era tudo à pobrezinho. Não havia cá lâzudos como há agora. Agora andam lâzudos já não é preciso barbeiro para lhes cortar o cabelo. Pagavam ao meu patrão um alqueire de milho, todo o ano, para fazer a barba e o cabelo, pagavam um alqueire

de milho. Custava, nessa altura, a uns 20 ou 25 escudos, ou 30 que fosse, um alqueire de milho. Todo o ano.

Tínhamos um casaco para trazer a ferramenta, duas máquinas e uma lata com sabão e as navalhas para afiar. E tesouras para cortar o cabelo e o pente. Era o que levávamos. Toalhas não havia, eles é que lá tinham toalhas. Na barbearia, havia uma barbearia na Benfeita, o patrão arranjava as toalhas, mas lá para fora não levávamos. Fazíamos o trabalho onde os encontrávamos. Era onde podia. Se andavam na fazenda, fazia-se na fazenda. Se estavam em casa, íamos fazer em casa. Mas lá nos Pardieiros, também se juntavam numa casa à noite, vinham do trabalho e à noite é que regressavam. E nós ficávamos á espera que eles viessem. Agora no Sardal e no Enxudro era no campo. Passávamos no campo, andavam enterreados na terra, era tudo de qualquer maneira e feitio. Tudo ficava bem. Eles não eram dos culposos. Era de oito em oito dias que nós lá íamos.

Lugar *Outros tempos*

Os ranchos



O Rancho dos Manjericos (Mira, 1959)

Houve um rancho na Benfeita que chamavam o Rancho do Enguiço, houve outro que chamavam o Rancho do Benfica, e o regional era o dos Manjericos,

esse é que foi mais tradicional. Ensaaiavam-se, tinham ensaios para dançar bailados conforme os ensaiadores ensinavam. Iam a um lado e outro. Nessa altura, o Rancho dos Manjericos era um rancho importante, valente. Mas tudo acabou, tudo acabou.



O Rancho dos Manjericos (Benfeita, 1979)

A Liga

A Liga de Melhoramentos tem feito alguma coisa, pouco, mas tem feito alguma coisa. Fez o prédio da Comissão. Esse tem obras, fazem alguma coisa, quando precisam, quando não precisam, vão angariando dinheiro, quando podem, tem lá feito umas obrasitas mas pouco porque o dinheiro é pouco.

A aldeia era diferente. Primeiro não havia luz. Primeiro era uns candeeiritos de petróleo, de vidro e outro com umas candeiazitas de azeite. Era o que se podia arranjar e uma velas, às vezes, quando estávamos à noite em casa para comer alguma buchita, era o calor da lareira. Era conforme se podia. Isto era tudo pobre. Não havia iluminação na rua. Só há cá uns anos, não sei há quantos anos, que está a luz. Mas primeiro não havia nada. Não havia luz na rua, andavam às escuras. Ou com uma pinhazita, assim umas pinhas dos pinheiros acesas a passear para um lado e para o outro.

Nem havia água. Nem casas de banho. Íamos ao chafariz. Fizeram um chafariz no cimo da praça e ia-se a estes bicozitos, onde havia assim um

chafarizito e ia-se buscar a água para gasto de casa, não havia outra. Havia um chafariz no areal e havia outro na praça. Eram dois chafarizes que havia. Íamos buscar a água com uns cântaros de barro. Ou de folha, conforme. Mas para arranjar uns cântaros de barro, iam às feiras comprar e transportavam a água para casa. Para lavar a roupa iam para a ribeira. Havia uns lavadouros, uns poços que tinham uns lavadouros de pedra e aí é que as mulheres lavavam a roupa.

O forno, o moleiro e a forneira



Dorinda Martins dos Santos, a colocar o pão no forno

Havia um forno público. A lenha. Não era a electricidade, era a lenha. Moía-se o milho, a farinha ia para casa. Havia moleiros, mandava-se, ia um saquinho para o moleiro. Moíam, e entregavam o sacco à gente, à pessoa de casa. Depois arranjavam, haviam umas gamelas, amassavam, as donas de casa, a minha mãe, e outras pessoas, amassavam, depois levedava, diziam que levedava, havia uma forneira com um forno que cozia a broa para cada um.

Cada um a seu tempo

Para regar as terras ia-se buscar a água onde ela houvesse e encaminhava-se para o renovo, ia-se mudando de um lado para o outro com um sachito na mão. Um sacho para regar as terras, conforme. Uma vez regavam uns, outra regavam outros. A água não dava para todos ao mesmo tempo.

Correio a pé

O correio, nessa altura, que eu me lembre, vinham buscar as malas a Côja, a pé daqui a Côja. E traziam pelo Pisão, pela Cerdeira, Dreia e para a Benfeita. Na aldeia tinha uma estaçõzita na capela, chamámos nós a capela, e depois vinha também outra mala, vinham outro das Luadas, buscar para as Luadas e para Pai das Donas e os que vinham de Côja, iam levar ao Sardal, Enxudro e Pardieiros. A pé, tudo a pé. Ao Monte Frio não iam. Ao Monte Frio vinham buscar as malas a pé, tudo a pé. Todos os dias. Ao domingo é que não havia.

Dois enfermeiros e dois médicos

Havia na Benfeita dois enfermeiros, que às vezes qualquer coisa iam atender conforme podiam e sabiam. E havia dois, nessa altura, dois ou três médicos, em Côja, lá vinham, às vezes, com um carrito que eles tinham, lá vinham aos doentes. Não havia posto médico nem nada. E hoje há, mas ainda é pobre.

Casas melhores e comida melhor

A aldeia agora está melhor um bocadinho, arranjam umas casitas, assim melhores. Primeiro, era muito mais ao pobre. Agora já há uns prediozitos, já arranjam uns prédios, já está isto melhor um pouco. Na aldeia há de tudo. Umhas pessoas são boas, outras são más. Uns são aldrabões, outros dizem as verdades. É de tudo, há cá de tudo. Há, há. A comida agora é melhor um bocadinho, primeiro não havia para se poder fazer. Era quando o rei fazia anos é que, às vezes, se fazia um arrozito-doce e tal, e um bocadito de carne fresca, era conforme. Mas aquilo era de tempos a tempos. A sardinha, vinha da feira de Côja, juntava-se numa panela de barro, pendurada num estacão qualquer, isso era na minha casa, nas outras não vejo, lá estava a sardinhas dias, mesmo amarela, punha-se na brasa e ia com um bocadito de pão de milho. Era o que era.



**Dorinda Martins dos Santos, José Francisco
Marques e familiares (Benfeita, anos 70)**

Aqui nasci e aqui morro

Para mim a Benfeita é bonita, nunca conheci outra. Há aldeias boas, mas para mim a melhor é esta. Aqui nasci e aqui morro. Para dizer mal, não. Tenho de dizer bem. Se é a minha terra...

Quotidiano *Atender algum freguês*

A minha vida não é nada. Não faço nada. Atendo algum freguês, às vezes, que vem aqui ter, corto o cabelo. Não faço mais nada, não posso das pernas. É só miséria, isto é só miséria. Eu gostava do meu trabalho, tinha de gostar mesmo. Não havia outra coisa tinha de a gente remediar-se com o pão da casa. Era o que se podia fazer. Para mim ou para outra pessoa de fora. Para outra pessoa de fora só era para trabalhar só no campo, na vida do campo. Não aprendi a fazer outra coisa.